



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta
Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos
Contemporâneos; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-559-4
DOI 10.22533/at.ed.594192308

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro,
Maristela. III. Série.

CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.5941923081	
CAPÍTULO 2	23
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5941923082	
CAPÍTULO 3	34
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco Eduardo Nazareth Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5941923083	
CAPÍTULO 4	42
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito Vanessa Aparecida Bernardes de Souza Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
DOI 10.22533/at.ed.5941923084	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo José Carlos Ferraz Hellayny Silva Godoy de Souza Ana Maria Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5941923085	
CAPÍTULO 6	66
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.5941923086	
CAPÍTULO 7	77
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
DOI 10.22533/at.ed.5941923087	

CAPÍTULO 8	101
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5941923088	
CAPÍTULO 9	115
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.5941923089	
CAPÍTULO 10	121
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.59419230810	
CAPÍTULO 11	132
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.59419230811	
CAPÍTULO 12	144
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
DOI 10.22533/at.ed.59419230812	
CAPÍTULO 13	157
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.59419230813	

CAPÍTULO 14	166
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	175
ÍNDICE REMISSIVO	176

A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA

Cláudia Santos Turco

Universidade Federal do Rio de Janeiro –
Programa de História das Ciências e das Técnicas
e Epistemologia

Eduardo Nazareth Paiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro –
Programa de História das Ciências e das Técnicas
e Epistemologia

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir os entrelaçamentos entre ciência e produção cultural. Para isso, volta seu olhar para a febre amarela, no período entre o final do século XIX e início do século XX e analisa o romance *Lucíola*, de José de Alencar; uma marchinha de carnaval de 1904 de autor desconhecido; e um conto de Coelho Neto.

PALAVRAS-CHAVE: Febre amarela, história, literatura.

ABSTRACT: This work aims to discuss the entanglements between science and cultural production. In order to do so, it turns its attention to the end of the XIX century and the beginning of the XX century. and the analysis of José de Alencar novel *Lucíola*; an anonymous author carnival song of 1904; and a Coelho Neto short tale.

KEYWORDS: Yellow fever, history and literature.

1 | INTRODUÇÃO

Uma epidemia é um fenômeno que contém uma carga de dramaturgia. Inicia em determinado tempo e local e, como se estivesse seguindo um roteiro. Cresce e, após um período de negação, se revela em crise coletiva e individual; depois se encerra. Assim, mobiliza comunidades para a ação, explicita valores sociais; cada sociedade constrói suas respostas. Cientistas se mobilizam para encontrar explicações e estratégias de combate, enquanto as consequências da doença e muitas vezes das medidas para seu controle se refletem na produção cultural de uma época. No entanto, a própria construção da ciência, fruto de práticas cotidianas de cientistas, está situada histórica e geograficamente, o que se evidencia mais em momentos de controvérsia, nos quais muitas vezes ocorre uma disputa de diferentes estilos de pensamento.

Este trabalho busca capturar através de manifestações culturais a teia de relações, as texturas e percepções sobre a febre amarela e seu combate no Rio de Janeiro. O período selecionado está entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX; período no qual surgiram controvérsias sobre a forma de transmissão da febre amarela e no qual se estabilizou o *Aedes aegypti* (*Stegomyia fasciata*)

como vetor. As consequências deste consenso acarretaram mudanças intensas nas ações públicas, na vida cotidiana das pessoas e na própria percepção da doença.

Traremos narrativas nas quais a febre amarela é incorporada, ou não, como elemento central. Nestas obras, as dimensões de vivência da febre amarela no cotidiano são abordadas; estas vão do drama individual até mesmo a um diálogo entre um humano e um mosquito sobre as respostas coletivas à doença. A análise realizada busca trazer como, nas narrativas selecionadas, estão refletidos tanto a mudança de percepção da doença e de sua forma de transmissão quanto os elementos e acontecimentos da época.

2 | A FEBRE AMARELA E O RIO DE JANEIRO

As primeiras descrições que parecem refletir sintomas de febre amarela datam de meados do século XVII e são provenientes das Américas Central e do Norte. Já na primeira metade do século XIX, epidemias de febre amarela apareciam regularmente no Velho e no Novo Mundo.

A epidemia de febre amarela de 1850 no Rio de Janeiro conta com registro oficial de mais de 4 mil mortos, mas tudo indica que o número foi subestimado. Estima-se que um terço da população da cidade à época contraiu a doença, cerca de 266 mil pessoas. Desde esta epidemia, a febre amarela estabeleceu-se em estado endêmico no Rio de Janeiro, com ocorrência de epidemias regulares (CHALHOUB, 2006; LOWY, 2006).

No período estudado, a febre amarela trazia características que a tornavam uma doença a ser prioritariamente combatida. Suas características epidêmicas, ao contrário de doenças com ocorrência mais estável, a tornavam extremamente visível e causavam constantes embaraços às atividades econômicas. Outra característica da doença é que esta atingia, seletivamente, determinados grupos de habitantes, como imigrantes, viajantes de passagem e tripulantes de navios. Assim além de ser um embaraço para atividades econômicas em geral, a febre amarela ainda afetava diretamente a política de imigrantes (CHALHOUB, 2006; LOWY, 2006).

Podemos estabelecer três períodos diferentes entre 1850 e o início do século XX relativos ao entendimento e às respostas às epidemias de febre amarela. Durante a epidemia de 1850 e até os anos 1870, segundo Chaloub (2006), havia enorme dificuldade no estabelecimento das causas da epidemia e conseqüentemente em chegar a um consenso sobre medidas para seu controle. O principal debate de então ocorreu entre os contagionistas e os infeccionistas. Os contagionistas acreditavam que a febre amarela era transmitida de pessoa para pessoa ou através do contato com objetos utilizados pelo doente. Assim, suas propostas para controle de epidemias estavam focadas na quarentena de navios e no isolamento dos doentes em hospitais distantes da cidade. Já os infeccionistas acreditavam que as epidemias eram

causadas por miasmas, ou seja, pela ação de substâncias animais e vegetais em putrefação que se disseminavam pelo ar. Dessa forma, os infeccionistas propunham medidas relacionadas à transformação das condições ambientais da cidade como meio de impedir as emanções miasmáticas.

A partir de 1870, com a teoria microbiana (CHALHOUB, 2006; LOWY, 2006), os pesquisadores passaram a se dedicar à identificação e ao isolamento do agente causador da febre amarela e, ainda, à busca de uma vacina. Mesmo neste período, os bacteriologistas acreditavam que o germe causador da febre amarela cumpria uma etapa de seu ciclo no ambiente, pois parecia haver uma combinação de fatores que causavam a latência em determinados períodos e a virulência em outros. Assim, as medidas de saneamento da cidade constituíam um ponto importante das medidas de controle da doença.

Já no início do século XX, a questão central se deslocou da busca e do isolamento de um agente infeccioso para a descrição do modo de transmissão da doença e foi neste momento que um novo ator passou a ocupar o centro do palco: o mosquito *Stegomyia fasciata*, identificado como vetor intermediário da febre amarela. Ainda no final do século XIX, a noção de hospedeiro intermediário tinha sido trazida à tona em pesquisas sobre malária e filariose.

A hipótese de transmissão pelo mosquito foi inicialmente elaborada em 1881 pelo pesquisador cubano Carlos Finley e estabilizada por experimentos da Comissão Reed também em Cuba, 20 anos depois. As experiências da Comissão confirmaram que a febre amarela no ambiente só pode ser transmitida através da picada do mosquito *Stegomyia fasciata*. A consequência desses resultados foi o estabelecimento de um programa de eliminação dos mosquitos e, a partir de 1901, obteve-se uma rápida queda nos casos de febre amarela em Havana.

Segundo Löwy (2006), essa teoria, por um lado, privilegiou as pesquisas de laboratório como lugar central para a descoberta dos agentes infecciosos e, por outro, incluiu uma abordagem mais ecológica, preocupada com o clima e o ambiente. Assim, os agentes infecciosos poderiam ser estudados em laboratório e os vetores no campo.

3 | O ROMANCE “LUCÍOLA” E SEU FOCO NA DOENÇA: UMA PARCERIA ROMÂNTICA

O romance “Lucíola” (ALENCAR, 2005) é um dos romances urbanos femininos de José de Alencar, de 1862 (SOARES, 2010). Quanto à febre amarela, a doença aparece como um fator que desencadeia tragédias. A protagonista, Lúcia, em consequência da epidemia de febre amarela de 1850 no Rio de Janeiro, torna-se prostituta para salvar sua família. Algumas características sobre a descrição epidemia

de febre amarela de José de Alencar, expressas como relato do passado de Lúcia, refletem o contexto e o entendimento sobre a doença na época e, inclusive, as ideias contagionistas.

No primeiro momento, Lúcia coloca que sua família era recém-chegada do interior e que seu pai viera para trabalhar em obras públicas. Coloca assim uma das características dessa primeira epidemia que afetava mais os recém-chegados à cidade. — Deixamos São Domingos para vir morar na corte; tinham dado a meu pai um emprego nas obras públicas. Vivemos dois anos ainda bem felizes.” (ALENCAR, 2005, p.88)

A virulência da epidemia de 1850 na Cidade do Rio de Janeiro é explicitada quando Lúcia coloca que em sua família quase todos caíram doentes e muitos de seus membros morreram.

— Lembra-se da febre amarela em 1850?(...)

— Foi um ano terrível. Meu pai, minha mãe, meus manos, todos caíram doentes: só havia em pé minha tia e eu. (...)

Para cúmulo de desespero, minha tia uma manhã não se pôde erguer da cama; estava também com a febre. Fiquei só! Uma menina de 14 anos para tratar de seis doentes graves, e achar recursos onde os não havia. Não sei como não enlouqueci. (...)

Meus dois irmãos acabavam de expirar, minha tia entrava na agonia, minha mãe tivera um novo acesso. Felizmente já meu pai estava em convalescença, e saiu para tratar do enterro. (ALENCAR, 2005, p.88-89)

Em outra passagem, o relato da personagem explicita sua dificuldade em obter ajuda relacionada ao medo do contágio pelo contato com os doentes, uma das teorias importantes da época. “Uma vizinha que viera acudir-nos, adoecera à noite e não amanheceu. Ninguém mais se animou a fazer-nos companhia” (ALENCAR, 2005, p.88).

Por fim, o romance reflete as mudanças que a cidade sofreu nas décadas de 1850 e 1860, como a canalização das águas, o início da construção da rede de esgoto e a limpeza urbana.

O romance “Lucíola” apresenta uma abordagem da febre amarela com foco na própria doença e seus efeitos na vida das pessoas. Além de refletir a virulência e o sofrimento causado pela epidemia de 1850, reflete o medo do contágio por meio do contato com doentes.

4 | A MARCHINHA “FEBRE AMARELA” E SEU FOCO NO MOSQUITO: UMA PARCERIA CARNAVALESCA

Referências aos diferentes aspectos da tecnociência não eram novidade nos carnavais brasileiros do início do século XX. Há relatos de temas como o telégrafo e o sistema métrico em manifestações carnavalescas desde o final do século XIX.

As políticas de saúde pública do início do século XX foram também tema recorrente de marchinhas carnavalescas pois, cada vez mais, faziam parte do cotidiano da população. Campanhas sanitárias para controle de febre amarela, varíola e peste bubônica renderam algumas marchinhas carnavalescas.

No que se refere à febre amarela, em 1904, temos a marchinha “Febre Amarela” (AUTOR DESCONHECIDO), interpretada por Geraldo Magalhães. A letra da marchinha reflete, por um lado, o entendimento da ciência da época sobre as causas e a transmissão a febre amarela e, por outro, os esforços implementados para debelar a doença no Rio de Janeiro. A letra da marchinha inclui os termos científicos da época, citando o mosquito como responsável pela transmissão e demonstrando como seu nome científico da época - *Stegomyia fasciata* - estava disseminado pela população. Demonstra também o conhecimento de que a febre amarela é causada por um micróbio e cita as brigadas de mata-mosquitos e suas estratégias. A letra está parcialmente transcrita abaixo.

Febre amarela
Hoje em dia em falso rente (?)
Acabou-se a sua guerra
Do senhor, seu Presidente
Não há mais febre amarela
Entornou-se todo o caldo
E o mosquito já não grita
Porque o grande mestre Oswaldo
Vai dar cabo da maldita
Foi-se *Stegomyia*,
Foi de embrulho,
Foi de embrulho a passeata
Um manata fez barulho,
Arrumou-se a grande lata
Diz o Oswaldo da amarela
Que lhe tira o seu topete
Antes de 7 de março
De 907
(...)
Que ela acaba ou não acaba
Se apertar muito as varetas
Machucar todo o micróbio
Eu estou vendo as coisas pretas
Quero o tal mata-mosquito
Prá que não se faça feio
Que se bote (...)
Que tem mais de metro e meio
E o *Stegomyia* foi de embrulho
Foi de embrulho, passeata
Um manata fez barulho,
Arrumou-lhe a grande lata
Diz Oswaldo da amarela

5 | O CONTO “PALAVRAS DE UM *STEGOMYIA*” E O MOSQUITO FALANTE: UMA PARCERIA FANTÁSTICA

O conto de Coelho Neto “Palavras de um *Stegomyia*”, publicado em 1904 no livro “A Bico de Pena” (NETO, 1925), é uma obra surpreendente, pois reflete o entendimento da transmissão da febre amarela pelo ponto de vista do mosquito *Stegomyia fasciata*.

Coelho Neto (1864-1934), autor pouco estudado (MENDES & IGNÁCIO, 2018), era um maranhense que foi criado no Rio de Janeiro. Foi um dos autores mais lidos em seu tempo e produziu uma vasta e diversificada obra com peças teatrais, mais de 100 livros e cerca de 650 contos. Sua escrita tem características parnasianas e este seu estilo fez com que fosse alvo de críticas do movimento modernista. Contudo, ao buscar textos do início do século sobre a febre amarela, esse conto de Coelho Neto se destaca, não apenas por incluir em seu texto os entendimentos sobre transmissão e controle de febre amarela da época, mas especialmente pela ousadia da abordagem e pelo enfoque inusitado.

O conto relata o encontro entre um homem e um mosquito *Stegomyia fasciata*. Neste encontro, homem e mosquito negociam um acordo: o homem relata ao mundo a versão do mosquito sobre a febre amarela e, em troca, o mosquito e seus irmãos não picam o homem.

MOSQUITO: Agora, meu senhor, por quem é, defenda-nos, escreva sobre nós (...) Prometo em meu nome e em nome de todos os *Stegomyias* que, se escrever sobre nós, poderá, doravante, dormir sem mosquiteiro, palavra de pernilongo!
HOMEM: E eu, para não ser mordido, prometi ao *Stegomyia* reproduzir as suas palavras e cumpro a minha promessa. (NETO, 260)

O estilo de escrita e a personificação do mosquito trazem um caráter muito diferente às questões levantadas. A relação de igual para igual entre homem e mosquito é colocada no início do texto.

MOSQUITO: — O senhor pôde ouvir-me em particular? Quem lhe fala sou eu, *Stegomyia fasciata*, vulgo pernilongo, um seu criado. (...)
HOMEM: Requestado, com tanta gentileza, pelo *Stegomyia*, não quis ficar por baixo de um reles mosquito e respondi, também fidalgamente
— Pois não, meu amigo, estou às suas ordens. Quer conversar aqui mesmo ou prefere o meu gabinete, mais agasalhado e discreto? (NETO, 254-255)

O conhecimento corrente sobre o mosquito, seu ciclo e seu papel na transmissão da febre amarela é explicitado como fato de conhecimento comum da população.

MOSQUITO: O mosquito transmissor da febre amarela, muito comum nas nossas habitações, é o *Stegomyia fasciata*, conhecido geralmente pelo nome de — mosquito ou pernilongo rajado. (NETO, 257)

E aí se faz a grande reviravolta. O mosquito que seria nosso inimigo e responsável pelas epidemias de febre amarela apresenta o homem como inimigo implacável e brutal.

MOSQUITO: — Meu amigo, já que sabe o meu nome, quero que também saiba onde nasci e o que faço neste ingrato mundo, onde só podem viver em paz os grandes. (...) Nasci numa gota d'água, eu e mil e tantos irmãos que andam soltos por esses ares. Não conheci meus pais. Logo que senti forças para voar deixei a gota d'água, subi ao macio espaço e compreendi imediatamente que o homem era o meu pior inimigo (...). (NETO, 255-256)

MOSQUITO: O grande crime: chupar um pingo insignificante de sangue, muitas vezes bem ordinário (NETO, 256)

MOSQUITO: Os nossos filhos — e dizem que os homens são humanos! — não chegam, muitas vezes, a ver a luz do sol — matam-nos ab-ovo : despejando as tinas, estancando as poças, não deixando água, nem mesmo nos jarros, só para que não tenhamos lugar para a criação da prole. É justo? (NETO, 256)

E o mosquito vai além. Discorda das conclusões dos homens da ciência e coloca que, se os mosquitos possuíssem laboratórios, testariam o sangue dos humanos antes de bebê-lo.

MOSQUITO: E por quê? Porque uns sábios afirmaram que os transmissores da febre amarela somos nós. Ora, francamente, ou tais sábios não enxergam uma polegada adiante do nariz (...) (NETO, 257)

MOSQUITO: Porque não cuidam os homens de purificar o sangue? (...) Não — o mosquito não transmitiria a febre amarela se a não encontrasse no sangue. (NETO, 258)

MOSQUITO: Se tivéssemos um laboratório de análises os amarementos podiam ficar descansados porque não lhes iríamos à pele (...) (NETO, 259)

A fábula de Neto demonstra como os conhecimentos científicos e as estratégias sanitárias de controle da febre amarela estavam amplamente em debate na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XX. A novidade da abordagem do autor é sua irreverência ao tratar como vítima aquele que todos consideravam como algoz, como inimigo.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oposição entre ciência e arte é parte do paradigma moderno, mas este trabalho buscou encontrar relações que acabaram se configurando como relações de parceria, entre a história, a literatura, a música, a saúde pública e a tecnociência. Estas podem contar com diferentes mecanismos e métodos de produção, contudo todas são

práticas humanas, imbricadas em seus contextos de época. Assim, a utilização da produção cultural de uma época como fonte histórica pode contribuir para refletir, por um lado, a intromissão da tecnociência na arte e no saber das pessoas leigas e, por outro, as posições críticas, explícitas através da produção cultural, com relação aos saberes e estratégias da tecnociência da época. Consideramos que, embora muitas vezes inusitadas, essas relações de parceria entre esses saberes e essas práticas, repletas de historicidades e de heterogeneidades, podem se candidatar a receber a palavra mestra do gênero histórico: “interessante” (VEYNE, 2014:51-52).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. [S.l.]: Positivo, 2005. 105 p. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/classicos/obras/Luciola.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

AUTOR DESCONHECIDO. **Febre Amarela**. Disponível em: <http://quemfoiqueinventouobrasil.com/album/capitulo-1/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

CHALHOUB, Sydney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 2006. 254 p.

COSTA, Marcos Rogério Martins; COELHO, Patrícia Margarida Farias. Lucíola e Senhora de José de Alencar Agon, n.5, abril-junho, 2015.: um estudo interdisciplinar das faces sociais da personagem feminina no século 19. **Agon**, [S.l.], n. 5, p. 5-43, abr. 2015. Disponível em: <<http://agon.unime.it/files/2015/08/0501.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

LOWY, Ilana. **Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 428 p.

MENDES, Rafael Ferreira Campos; IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. Entre dois modus vivendi: arcaísmo e modernidade em Turbilhão, de Coelho Neto. In: Seminário de Iniciação Científica, VIII., 2010, UEG. **Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica e V Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação UEG**. Goiás: UEG, 2010. p. 1-16. Disponível em: <http://www.prp2.ueg.br/sic2010/apresentacao/trabalhos/pdf/linguistica/seminario/entre_dois_modus_vivendi.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

NETO, Coelho. **A bico de pena: fantasias, contos e perfis**. 3. ed. Porto: Livraria Chardron, de Lélo & Irmão Ltda, 1925. 342 p. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=37120>>. Acesso em: 02 abr. 2018

ROSEMBERG, Charles. **Explaining epidemics and other studies in history of medicine**. New York: Cambridge Press, 1992. 357 p.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Nos caminhos da pena de um romancista do século XIX: o Rio de Janeiro de Diva, Lucíola e Senhora. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 195-209, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a11v3060.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp, Editora Universidade de Brasília, 4ª edição. Brasília, 2014.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna

Análise espaço

C

Cibercultura

Ciências política

Ciências sociais

Colonização

D

Direitos civis territorialidades

E

Ensino de história

Exponere

F

Feminismo

Filosofia

Fontes documentais

Formação do homem

H

Historiografia

História dos costumes

História intelectual

Historiografia

I

Igreja católica

Imigração

L

Literatura

Lutas

M

Meio ambiente

Memória

Micro-história

O

Organizações sociais

P

Política

Populismo

Protestante

R

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-559-4

